

Subsídios para a História do Paraná

AUGUSTO FARIA ROCHA

Sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense.

Pouco antes de sua morte, ocorrido, em 1937, Francisco de Paula Dias Negrão, renomado linhagista paranaense, deu à publicidade, creio, na Revista do Instituto Histórico do Paraná, interessante notícia com referência à viagem e estada, em nossa terra, do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, chefe paulista do partido liberal e principal cabeça da malograda revolução de 1842.

O assunto foi, mais tarde, abordado pelo ilustre co-estadano Dr. David Carneiro, em artigo estampado pelo jornal 'O Dia', de Curitiba, para dizer que o Brigadeiro fora hospedado na casa de conceituada família lapaense a que o articulista está ligado por vínculo de parentesco afim.

Mas esta versão, com o refugir à significação exata dos acontecimentos, vai, de alguma forma, ao arripio de velhos assentamentos nos anais da política partidária, ao tempo em que era magna pars o padre Diogo Feijó; e omite circunstâncias particulares, aliás, bem guardadas na memória dos, então, jurisdicionados da 5ª. Comarca de São Paulo, notadamente, os naturais da outrora Vila do Príncipe, a atual cidade paranaense da Lapa.

Para dar certo método à narrativa dos fatos, convém rememorar a antecedentes históricos do grave dissídio em que se empenharam liberais e conservadores, com tal ardor que chegaram ao choque de armas.

O motivo determinante da insurreição foi a dissolução da câmara dos deputados, por força do decreto imperial assinado em 1º. de maio de 1842.

O plano revolucionário que, devia eclodir, na capital de São Paulo, aos 11 do mesmo mês e ano, entrou em via de execução pela manhã de 17, em Sorocaba, ao toque de rebate dos sinos das igrejas, pondo em alvorço a população.

No mesmo dia, a câmara municipal local se reunia em sessão extraordinária para tomar conhecimento das ocorrências e, aí, foi "unânime e espontaneamente", aclamado o então, Rafael Tobias de Aguias presidente interino da província de São Paulo, cargo que exercia, efetivamente, desde 1840 até a sua demissão, o que influiu muito, para a revolta de 1842.

Uma das adesões que mais força deram à insurreição, principalmente, fora da província, foi a do ex-regente padre Diogo Feijó. Conquanto enfermo, sentiu incendiar-se-lhe o antigo ardor de político apaixonado, e foi logo insuflando de uma vez os ânimos, e pondo em ação todo o prestígio de que gozava na província. (1).

Filho de um curitibano, (2) Feijó fundou o periódico **Paulista**, editado em Sorocaba, no qual explicava as causas da sedição, justificando-a como sendo uma "necessidade de retirar-se o ministério", abrogação das três leis que atacam de frente a constituição do império: a chamada interpretação do Ato Adicional; a lei de reforma do Código Criminal e a do Conselho de Estado".

E acrescentava ameaçando: Lembrem-se que Paulistas não recuam.

Orientador supremo do partido liberal e, agora, chefe do governo, revolucionário, Rafael Tobias de Aguiar tratou de organizar a Coluna Libertadora que devia marchar sobre a capital, mas logo chegou, por mar, o barão de Caxias que, informado da situação paulista, pôz-se, a seu turno, a organizar o Exército Pacificador.

Estava-se em princípios de Junho, pouco mais de 15 dias tinham decorrido depois daquela sessão extraordinária da Câmara Municipal de Sorocaba, e já não longe andava o momento de desilusão para aqueles homens que lançaram com tanto desassombro o seu protesto'. (3)

Em Itú, o Brigadeiro recebeu notícia das primeiras defecções.

Depois, a dispersão dos combatentes e consequente fuga da maior parte da Coluna Libertadora, destrocada ao cabo de encontros sangrentos.

O Exército Legal se aproximava e os derradeiros liberais em luta, só cuidavam de fugir e de se esconder.

Todo o esforço de Tobias de se tornar impossível. Sabia que uma escolta estava incumbida de efetuar-lhe a captura.

Restava escapar-se também.

Presentindo que o momento subversivo das províncias não lhe reservaria as laureas do triunfo, senão as travancas da pugna intererata e desigual, Rafael Tobias de Aguiar a 14 de Junho de 1842, assinou a carta de dote e arrhas pela qual se casava, com a sua prima em oitavo grau, Domitila de Castro Canto e Melo, Marquesa de Santos, obrigando-se a dar à sua esposa um dote de oitenta contos de réis, seguindo-se no mesmo dia o casamento que se realizou no oratório privativo de D. Gertrudes Eufrosina de Aguiar, em presença desta senhora, de um cunhado e do ex-regente Diogo Feijó, além da então, menina, Maria Izabel, filha do Imperador Pedro I com a Marquesa de Santos.

A bastarda, nascida Maria Izabel de Alcântara Brasileira, que, também, se assinava Maria Izabel de Bragança ou Maria Izabel de Bourbon, veiu a desposar o Conde de Iguapé, Pedro Caldeira Brant, filho segundo do Marquês de Barbacena, razão por que passou ela a usar o título de Condessa de Iguapé.

Esta pintou-nos, com a tinta ingenua de um painél de ex-voto, a cerimonia de 14 de Junho de 1842 em Sorocaba, de que foi testemunha aos 12 anos de idade'. (4)

Nessa descrição, respeitada a redação, lê-se o seguinte trecho:

"Estávamos nós em Sorocaba não sei que mez entrou o Marquês de Caxias em Sorocaba que me lembra he que ouvi dizer houve um tiração sua nossa tropa e as do

Caxias e ele esta perto de Sorocaba (foi uma vergonha para os Paulistas aquela revolução gastou o Tobias mto dinheiro pa nada). Um dia ouvi Mamãe dizer Tobias tem de sair de Sorocaba se succeder alguma coisa com eu hei de o acompanhar, vi se preparar o altar da caza de D. Gertrudes perguntei eu a Mamãe pa que estavam harmonando o altar ella me disse que era pa um baptizado; he verdade que houve esse baptizado, mas antes eu vi Mamãe sahir mto bem vestida do quarto e meu Compadre (assim he que eu chamava o Tobias porque tinha sido Madrinha de uma irmã minha filha dele) de casaca, eu fiquei olhando e assim ma sobrinha Escologica e nada perguntavamos haver o que ia se passar, era 5 hora vimos Mamãe o padre capellão da caza e meo se derepirem pa o Altar e principiava a cerimonia, então vimos que Mamãe ia se cazar ambos principiamos a chorar se nos perguntassem pelo que choravamos nós não sabiamos pelo que, acabou-se o casamento, Mamãe veio a nós, nos abraçou a mim ella me disse Bella ma filha eu fiz isto pa que nunca te envergonhasse de tua mãe, tu já estais quase moça era preciso que eu fizesse isto; eu então respondi, peisei que Mamãe era cazada com o meu Compadre...

No outro dia não vi mais meu Compadre tinha saído de Sorocaba" (obr. cit. Apenso n. 62).

Cinco dias após o ato generoso e altivo desse casamento, — continúa Rangel — o chefe dos insurgentes se atirava aos azares da fuga, procurando sustentar o lábaro que lhe tinham confiado aos correligionários, para o arremessar limpo e salvo entre as lanças dos ferropilhas riograndenses. As oito horas da manhã de 20 de Junho Caxias deixava o acampamento de Passatres para ir ocupar Sorocaba", (obr. cit. pag. 289).

Entretimes, Rafael Tobias se ocultou na fazenda de Joaquim José de Oliveira, seu adversário político, ausente no momento. A sua esposa, porém, recebeu o foragido prodigalizando-lhe fidalga hospitalidade, procedimeto esse que teve plena aprovação posterior da parte do dono da casa.

Depois, o Brigadeiro em companhia de seu enteado Felício Pinto de Castro, empreendeu a longa travessia das extensões que formam hoje o território do Paraná, antiga Comarca de Curitiba, viajando, a mais das vezes à noite, pela chamada 'estrada do sertão entre o rio Paranapanema e o dos Sinos (R. G. do Sul)'.
Foi ali que Tobias se encontrou com o pai do Dr. Ubaldino do Amaral, — Francisco Chagas do Amaral, — nascido no Velho Registro da Lapa, que o acompanhou até o Rio Grande do Sul, como confere R. Pombo, no mencionado L. VIII pag. 97.

De acôrdo com a tradição paterna do narrador, foi o bisavô deste — José Elias de Carvalho — quem deu, em sua chacara, hospitalidade ao fugitivo Brigadeiro Tobias por alguns dias.

Além de outros elementos informativos do fato, ha uma carta datada de 14 de Janeiro de 1939 do saudoso paranaense Antonio de Siqueira Côrtes, cujos tópicos são decisivos:

"Em 1842, sendo perseguido pelo Governo Imperial, o Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, afastou-se de São Paulo com destino ao Rio Grande do Sul, para fugir de ser preso, e em tais condições passou na Lapa, então Vila do Príncipe e pertencente à Província de S. Paulo, a qual Vila do Príncipe estava guarnecida militarmente por Forças de Linha do Exército, para capturar o Brigadeiro, porque teria que passar por ali para ir para o Sul. Mesmo assim o Brigadeiro chegou à Lapa como peão ou camarada de uma tropa adrede preparada para esse fim, em trêzes de camarada da tropa, revestido de uma roupa propria para escravos que então davam o nome de bichonmau, um tecido grosso de algodão, e chapéu aba larga e de acôrdo com o trage. Procurou a casa de teu bisavô onde ficou occultamente hospedado. Tua bisavô D. Gertrudes Lucinda de Carvalho, que era amiga da minha avó D. Rosa Silveira de Siqueira, reservadamente, confiou o segredo da hospedagem, e nessa occasião tomou emprestada de minha avó uma colcha fina de damasco que era destinada às festas da Igreja, para servir de cama a tão distinto hospede, Papai que então tinha 10 anos assistiu a conversa das duas amigas.

Como a praça estava militarmente guarnecida, e as autoridades locais com instruções rigorosas para a captura do Brigadeiro, o Sr. genro do Capitão Mór, que occupava o cargo de Delegado ou Sub-Delegado de Polícial sabedor da estada do Brigadeiro, na residência do Major José Elias de Carvalho, chefe político muito acatado e bom mesmo, foi fazer uma visita de cortesia ao Brigadeiro, por quem foi recebido na Chacara, tendo nessa occasião o Sr. se prostrado de joelhos perante o Brigadeiro, que depois comentou ao Major Elias: — Fazia outra idéa deste homem. (5)

Não sei quantos dias esteve o hospede na Chacara, mas parece que o Major fez acompanhar o hospede até o Rio Negro por seu amigo Juquilha Pacheco que se criou na Chacara.

Quando o Brigadeiro chegou ao Sul foi preso pelo Tente. Oliveira, avô do Dr. Manoel Pedro que o conduziu até a Córte do Imperio entregando ao Governo Imperial".

Na mesma carta, o missivista diz sentir não poder dar minuciosamente as informações que deseja sobre a passagem do Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar pelo nosso torrão natal, em caracter revolucionário.

E acrescenta: 'Papai tinha um livro que continha essa historia, que fora emprestado ao finado Conego Braga, quando parochiava a Lapa, e em cujo poder desapareceu. O que eu sei, por ouvir as palestras sobre o assunto com teu finado bisavô, papai, Dr. Manoel Pedro em reuniões de familia que faziam à noite em nossa casa'.

Ouvindo sobre os dizeres supra, o respeitavel paranaense Coronel João da Silva Sampaio, antigo Presidente do Congresso Legislativo do Estado, depois de qualificar de 'grande varão' o Major José Elias de Carvalho, assim se manifestou:

"Entre as recordações que guardo dos tempos de minha infancia tenho bem viva a que da respeito a esse episodio que, pela sua repercussão politica, e significação historica, era sempre contado e repetido; e essa recordação que tenho confirma a carta do extinto amº. Antoninho, isto é, que o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, quando em fuga para o Rio Grande do Sul, perseguido por crime politico, e em sua passagem pela cidade da Lapa, então Vila do Príncipe, foi hospedado pelo Sr. José Elias de Carvalho, então influente politico e como dos grandes vultos daquelle tempo".

Quando da chegada do Brigadeiro aos campos de Vacaria, onde, por ordem do proprio Caxias, fora preso na estrada de Palmeira, não longe de Passo Fundo, contavam que Tobias montava um cavallo de pélo pampa; daí o designativo 'cavallo tobiano', dado a partir dali em diante, pelos peões daquelas redondezas.

Feita a captura, que se efetuou em 12 de Dezembro de 1842, foi o preso conduzido para a sede da Córte e recolhido na fortaleza da Lage.

As assertivas do autor desta pequena monografia, estão ainda circumstanciadas pelos seguintes fatos:

Ficou versão corrente na familia do Major José Elias de Carvalho que este, em certa tarde fria e chuvosa de inverno de 1842, notou, à distancia, junto à porteira de sua chacara, um pequeno grupo de homens à cavallo, parecendo tropeiros, entre os quais se encontrava, disfarçado em peão ou camarada, o chefe liberal revolucionario Rafael Tobias de Aguiar.

Devido à acolhida franca e cordial dispensada ao fugitivo, curtiu o hospedeiro toda sorte de perseguições ao ponto de ser denunciado perante as autoridades pelo professor local Vicente José de Oliveira.

A razão de o Brigadeiro procurar tecto paulista, sob o qual vivia, ha anos o velho ituano, que era, Major José Elias de Carvalho, morando junto com o seu genro José Inacio da Rocha, natural de Porto Feliz, acompanhado de suas familias, — explica-se não só pela solidariedade politica do partido liberal, como tambem pelos laços de parentesco comum, conforme consta da arvore genealogica Brigadeiro Tobias-Marqueza de Santos, a qual existe no poder dos descendentes do falecido recente, Dr. Heitor Tobias de Aguiar, engenheiro, neto do Brigadeiro, e occupante no ano de 1893, do cargo de Comissario de Terras neste Estado do Paraná.

Diante da referida arvore, o nome Gertrudes e Gertrudes Lucinda, aparece, em mais de uma geração, e tem sido, tradicionalmente, usado entre aquelas familias aparentadas, provindas do mesmo tronco bandeirante.

A tese, a nosso vêr, acha-se suficientemente demonstrada.

- (1) — Rocha Pombo — Historia do Brasil, v. III — pag. 584.
- (2) — Augusto Rocha — Paraná Intelectual, pag. 4.
- (3) — R. Pombo — obr. cit. pag. 595.
- (4) — Alberto Rangel — D. Pedro I e a Marquesa de Santos 2ª. ed. — Paris — pag. 288.
- (5) — Omitimos, do original, o nome do visitante para evitar susceptibilidades de seus antecedentes.